

Cartografia das Territorialidades Culturais

Beatriz Dias; Felipe Brunelli; Lucas Rodrigues; Marília Serra; Marina Schiesari; Marina Bagnati; Pedro Norberto; Rebeca de Paula; Sabrina Sobreiro; Stella Tamberlini.

Orientadores: Prof. Dr. Pedro Sales; Prof. Ms. Fábio Mosaner; Prof. Ms. Yuri Tambucci e Prof. Pedro Vada.

HISTÓRICO E OBJETIVO

Cartografia das Territorialidades Culturais foi um projeto desenvolvido por uma equipe interdisciplinar da Escola da Cidade que teve início em um convênio firmado entre a faculdade e o Serviço Social do Comércio (Sesc) visando a construção da unidade definitiva do Sesc Campo Limpo. Esta pesquisa teve como objetivo estudar a produção cultural daquela região e os espaços em que acontecem essas atividades para oferecer subsídios adequados ao desenvolvimento do projeto arquitetônico da nova unidade, permitindo que para além de um Sesc no Campo Limpo a nova unidade se torne um Sesc do Campo Limpo.

Para captar a influência da futura unidade do Sesc foram considerados os coletivos culturais que se localizam em um raio de 3km do Sesc Campo Limpo, escolhidos de acordo com a definição de Territorialidade Cultural: modos de povoar coletivamente o tempo, fora da segmentação durada vida: família, escola, assistência e suas "idades" (LAPOUJADE, 2015).

A noção de cultura que fundamenta a citada definição das territorialidades culturais é aquela cujos sentidos são dados pela antropologia. Segundo Wagner, "podemos falar de cultura como controle, refinamento e aperfeiçoamento gerais do homem por ele mesmo, em lugar da conspicuidade de um só homem nesse aspecto" (2010, p.54). Por sua vez, Manuela Carneiro da Cunha a descreve como "esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas e que garantem um certo grau de comunicação em grupos sociais" (2009, p.313).

Para alcançar seus objetivos a pesquisa utilizou metodologias variadas e se dividiu nas seguintes etapas:

- Constelações: descrição estatística e geoprocessada, tanto da localização de espaços e eventos de produção cultural não institucionais – espaços e eventos aqui identificados como territorialidades culturais – quanto dos contextos urbanos em que se encontram inseridos e com os quais se relacionam diretamente;
- Redes: a partir do levantamento de campo e da elaboração de diagramas vetoriais, busca-se a descrição da(s) escala(s) nela(s) implicada(s) (local, urbana, regional e metropolitana) e os fluxos (de pessoas, de ideias, de ritmos, de narrativas, hábitos e condutas), que atravessam, operam e dão sentido a cada territorialidade cultural;
- Tipos: mapeamento e sistematização da tipologia dos espaços (condições e suportes físicos) onde se dá a produção cultural coletiva no território do Campo Limpo. Esse processo, realizado para definir os lugares de operação de cada territorialidade cultural, deu-se a partir da identificação, caracterização e agrupamento em séries pertinentes das estruturas morfológicas da cidade e dos edifícios utilizados;
- *Grid*: produção de material gráfico que reúne, sistematiza e confronta entre si as informações obtidas nas fases precedentes diante dos mesmos parâmetros, com o objetivo de fazer emergir padrões de regularidades reconhecíveis entre as diversas manifestações e eventos que constituem cada uma das territorialidades mapeadas e analisadas;
- Cruzamento: atividade devolutiva através de discurso e debate aberto

com todos os atores sociais envolvidos na implementação da unidade definitiva do Sesc no território do Campo Limpo (produtores culturais, moradores da região, frequentadores da unidade e funcionários da instituição), organizados segundo dinâmica que inclui exposição física e divulgação material e oral dos resultados obtidos;

- Site: reunião dos resultados e conclusões, através de textos, desenhos, tabelas e quadros com o objetivo de preparar material para o site de divulgação do trabalho.

A produção de material técnico e expressivo visou coligir, sistematizar e confrontar entre si as informações obtidas em cada fase precedente, de modo a reunir e sintetizar argumentos e posições claras sobre o território e as territorialidades culturais levantadas. Tinha como objetivo fazer emergir padrões de regularidades que se possam construir entre as diversas manifestações e eventos que consubstanciam cada uma das territorialidades culturais mapeadas e analisadas. Ademais, encadeamento necessário ao desenvolvimento da pesquisa, tal material organizado em forma expositiva alimentou uma espécie de "devolução crítica" dos conteúdos aos grupos pesquisados, ao Sesc e ao próprio grupo técnico que projeta a nova unidade Campo Limpo.

Sem a intenção de descrever os resultados (provisórios e sempre parciais, pois sujeitos a combinações múltiplas), a revisitação da série de dados e informações trabalhadas sob o tema Constelações indica o afortunado cruzamento e recombinação de *layers* ou camadas temáticas, ao produzir novas pistas (cartográficas) para a apreensão da realidade estudada. O procedimento para isso dá-se por divisão, justaposição e agrupamento das tipologias de territorialidades culturais – mapeadas e caracterizadas em suas singularidades pelas operações das quais resultam ou das quais derivam, assim como pelos traços ou qualidades expressivas que lhes correspondem.

A etapa "Rede" retoma pela confrontação e cruzamento entre "séries geográficas" de pares, não dicotômicos, nem sempre complementares, mas

definidores de posições políticas ou de valores práticos e simbólicos:

- pra lá/ pra cá da ponte;
- Campo Limpo/ Capão Redondo;
- arte/ cultura;
- indivíduo/ instituições (na configuração das redes de apoio).

"Tipo" separa territorialidades culturais desde o princípio em duas séries espaços-temporais: sedes e eventos. A primeira diz respeito a uma posição fixa, estável, contínua e frequente de ocupação do (de um) espaço. A segunda mobiliza os modos de povoar o tempo livre, através do encontro/ intercâmbio ou da música/ poesia/ dança e, por isso, permite um *Grid* que reagrupa seus componentes em três sub-séries: sarau, festival e cortejo.

A matéria prima fundamental para a reflexão e elaboração de síntese crítica que pudesse alimentar e provocar, programática e conceitualmente, o projeto da nova unidade Sesc do Campo Limpo adviria, como previsto desde a concepção inicial da pesquisa, do cruzamento de pontos de vista técnico dos pesquisadores; desde sua abordagem urbanística, antropológica e arquitetônica da realidade do território em pauta, seu funcionamento e os modos de vidas que o permeiam e modificam continuamente e aquele prático-político-sensível dos moradores e produtores culturais, resultante sempre renovada da percepção e resistência direta, cotidianamente experimentada desta realidade.

É sobre a linha que articula e faz cruzar – em perspectiva técnica e político-sensível – os conteúdos e formas de expressão de cada um dos módulos que uma reflexão crítica deve ser construída, com o objetivo de apontar ou, pelo menos, sugerir caminhos interpretativos e alternativas provocadoras ao projeto de arquitetura da nova unidade. Nesse sentido, não parece demasiado retomar o que se alertava já no plano de trabalho: tal provocação não pretende evocar nenhum sentido contextualista, ou caráter mimético, da cópia de modelos, da analogia tipológica ou da representação/ reprodução de situações locais, mas sim o de apontar linhas do mapa do "devir-cidade"¹ do Sesc.

O que poderia parecer algo obscuro talvez possa ganhar contornos mais nítidos e servir, uma vez mais, de orientação a

esta reflexão: quando se remete o “devir-cidade” à possibilidade/ potencialidade de propiciar novos encontros e usos coletivos que não preexistiam, próprios e originais ao programa tradicional do Sesc, mas que só nascem mesmo após serem postos em ato.

Daí poder-se perguntar em que sentido, medida e intensidade o projeto da nova unidade Campo Limpo disporá condições/ configurações físicas e funcionais, espaciais e programáticas capazes de fazê-la abrir-se àquela potencialidade/ possibilidade. Claro, sem deixar – evidentemente ou geneticamente – de ser Sesc². Mas poderá ser isso admissível ou mesmo possível³?

Seja como for, o foco da pesquisa sobre os grupos comunitários coletivos – e seu modo de povoar criativamente o tempo, isto é, as territorialidades culturais – buscou captar não sua extensão, mas a intensidade das forças e das vozes locais de expressão cultural e de resistência/ reivindicação política supostamente mais capazes de enxertarem (fertilizarem) e serem enxertadas (fertilizadas reciprocamente) pelo Sesc Campo Limpo.

A realização desse trabalho possibilitou à equipe de pesquisa o estabelecimento de uma nova metodologia a partir de um enfoque interdisciplinar. Não apenas em seu objetivo principal, mas também em relação a seu caráter formativo, o trabalho possibilitou novas reflexões e experiências para os estudantes de arquitetura integrantes da equipe. Os artigos a seguir trazem contribuições ricas para compreender aspectos do trabalho e dilemas, oportunidades e especificidades do processo científico e técnico do fazer arquitetônico e seu contato com outras disciplinas. Realizar esse tipo de experimento e refletir sobre a experiência é fundamental para o estabelecimento não de um método fechado, mas de um protocolo de atuação que segue sendo desenvolvido e aprimorado.

São apresentados a seguir duas reflexões sobre os processos de trabalho e seus desafios, desenvolvidas por alunos integrantes da pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais.

CONHECIMENTO EM CONSTRUÇÃO: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES PARA LEITURA PROJETUAL

Pedro Henrique Norberto

GLOSSÁRIO

Assunto: substantivo masculino. 1. Objeto, matéria (de que se trata); 2. Tema, ponto.

Adjetivo. 3. Elevado, assumido⁴. (PRIBERAM, 2013).

Conteúdo: substantivo masculino. 1. Assunto; 2. Os dizeres (duma carta); 3. O contido em caixa ou qualquer invólucro. Adjetivo.

4. Contido⁵. (PRIBERAM, 2013).

Dado: unidade de conteúdo que descreve propriedades sobre as coisas; é quantificável e por si só raramente gera uma imagem sobre esse objeto. Ex.: dados do censo demográfico como preenchidos nas tabelas pelos censores.

Epistemologias: estruturas que determinam sob uma perspectiva conhecimento e crença justificada, determinando seus meios de atuação.

Estrutura: parâmetros que definem como se coleta e armazena conteúdo, tanto na coleta/ produção quanto seu acesso. Ex.: um sensor ao entrevistar uma pessoa contém um questionário com perguntas preestabelecidas pela estrutura de informação construída pelo instituto do censo, que leva em consideração as demandas de seus usuários sobre qual tipo de conteúdo eles precisam que seja fornecido para a realização de serviços.

Influência: condição que um objeto tem que o atrela um elemento de si a um elemento de outro, ou seja, que seu funcionamento modifica o funcionamento alheio. Ex.: hoje o dia está nublado, portanto sairei com um guarda-chuva caso chova.

Informação: unidade de conteúdo que permite acesso a uma leitura sobre um conjunto de dados, através de uma visualização ou filtro dos mesmos. Ex.: a confecção de produtos gráficos (gráficos, mapas, diagramas etc.) a partir de um repositório.

Procedimento: comportamento previsto num processo descrito por uma estrutura de pensamento Ex.: os procedimentos para análise quantitativa do censo demográfico.

Processamento: ocorrência na qual um conteúdo é acessado, interpretado e sintetizado, geralmente ascendendo nos estratos da corrente DICS.

1. INTRODUÇÃO

Organizar o mundo a nossa volta é uma atividade fundamental da mente humana. Na casa, no trabalho em lojas e até em computadores humanos tendem

a agrupar coisas. [...] Reconhecer itens similares e distingui-los de outros é parte de como damos sentido ao mundo e parte de nossa cognição. (GOLUB, 2014, p.1, tradução nossa).

No momento em que se coleta um dado é necessária a construção de uma estrutura para contê-lo, a qual prevê uma série de perguntas ao mundo que conduzem a construção de informações que buscam descrevê-lo. Numa pesquisa como a Cartografia das Territorialidades Culturais, o processo de transformar o dado em informação é resultado de uma série de interações entre disciplinas, que teve como condições para essa transformação uma troca clara de procedimentos e metodologias entre Antropologia, Arquitetura, Etnografia e Urbanismo, que se traduziu em etapas de trabalho para coleta de dados.

Em projeto realizado paralelamente⁶ com a Cartografia das Territorialidades Culturais por alunos-pesquisadores da Escola da Cidade, foi estudado extensivamente o funcionamento do método do projeto a partir de sua descrição e criação de diagramas para representar sua estrutura de funcionamento.

Ao fim deste projeto paralelo, identificou-se que o método continha um funcionamento não linear, ou seja, que a execução de uma etapa não continha só um sentido de influência do começo ao fim da pesquisa, mas que esta influência de um procedimento sobre outros que viriam depois pode pular etapas, constituindo uma rede que descreve novas possibilidades sobre como reinterpretar a aplicação do método, as quais foram descritas no Diagrama da Máquina (FIG. 1).

No entanto, com o fim da pesquisa era prevista uma devolutiva⁷ aos produtores culturais da região, o que resultou na exposição Cartografia das Territorialidades Culturais, que ficou em mostra na unidade do Sesc Campo Limpo durante os meses de setembro a dezembro de 2017.

Projetar a exposição levantou questões diversas, desde como organizar os dados expostos com clareza – para permitir leituras as quais o grupo de pesquisa pretendia transmitir com a sua coleta –, como possibilitar aos visitantes articular informações por vias não exploradas pelo

grupo de pesquisa e, por consequência, enriquecê-la. Extrapolando estes esforços, as questões levantadas pelo projeto da exposição também se mostraram válidas no entendimento do método da pesquisa. Tendo em vista os procedimentos de levantamento de cada uma das etapas da pesquisa, levantaram-se as interações entre disciplinas no momento de processá-los e as inúmeras demandas de tradução do conteúdo em forma de produtos legíveis, tanto para o cliente, quanto para o grupo de projeto da nova unidade do Sesc Campo Limpo.

O foco deste ensaio é entender como se organizaram os dados levantados, no relembrar de suas várias origens de prospecção e na produção prevista entre as etapas da pesquisa, por meio do esforço de ler a estrutura da Cartografia das Territorialidades Culturais; trabalhando noções de conteúdo e assunto em estruturas de informação para descrever novas faces da não linearidade na pesquisa da Cartografia das Territorialidades Culturais.

2. LENDO O CONTEÚDO DA PESQUISA: A HIERARQUIA ENTRE FASES E A DUALIDADE DADO-INFORMAÇÃO

Em um primeiro contato com os produtos (e o próprio plano) da pesquisa a impressão que temos é de execução do plano de trabalho com sentido único, levantando conteúdo da fase atual, processando-os e por fim levantando o necessário para prosseguir a fase seguinte:

Reunião, sistematização e entrecruzamento das análises e informações urbanísticas (contexto) [constelações], antropológicas/etnográficas (rede) [redes] e arquitetônicas (tipologias espaciais) [tipos] em um processo de síntese que possa expressar as singularidades de cada territorialidade estudada e as operações que delas derivam ou que são possibilitadas por elas [grid, cruzamento]. (GPEC, 2016, p.4).

Houve um certo cuidado na descrição dos produtos e objetivos de cada etapa, principalmente com os procedimentos, para que estes correspondessem às disciplinas e também procurando antecipar como iriam interagir. Por exemplo, previu-se que na fase

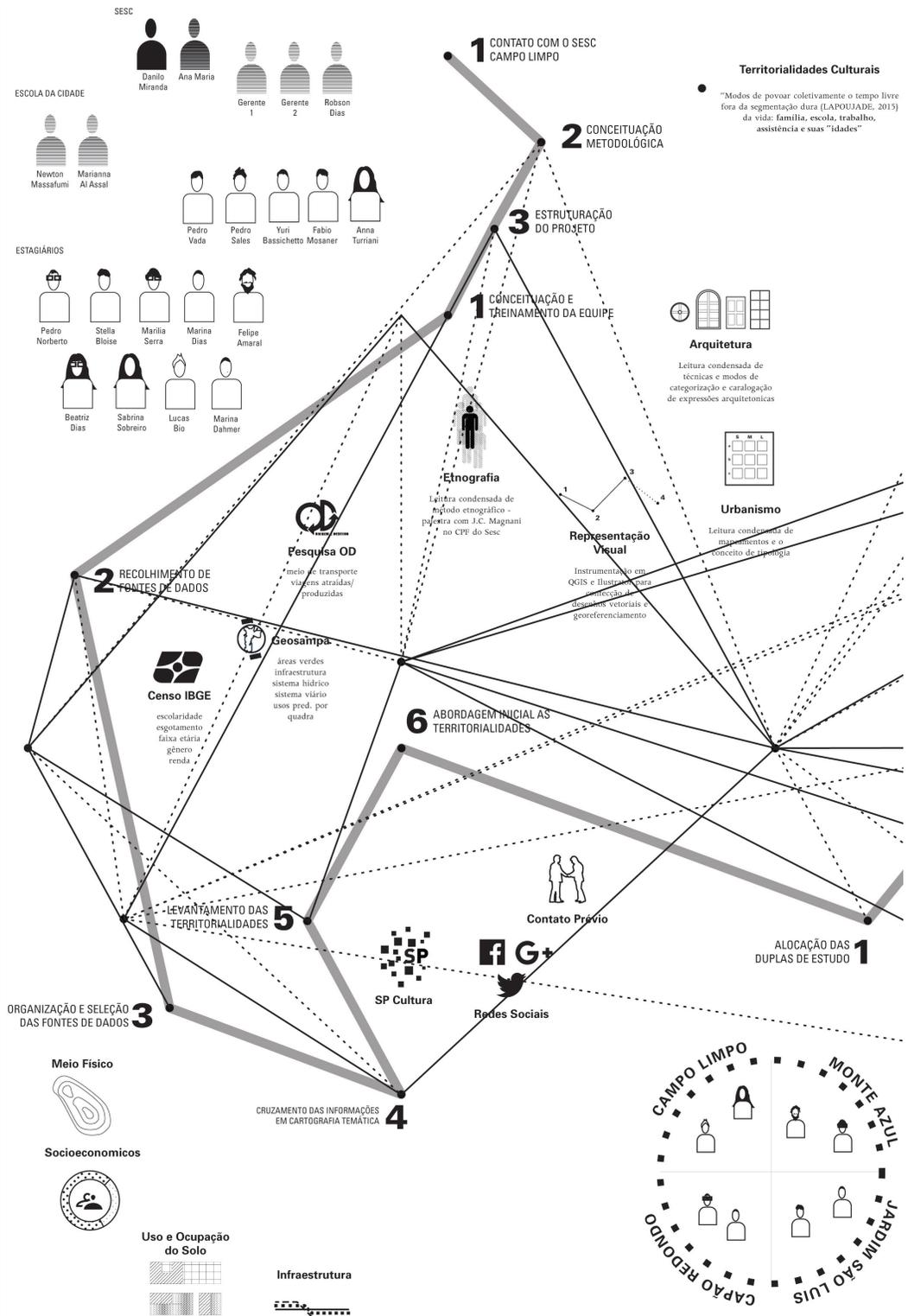


FIG. 1:

Diagrama da Máquina: este diagrama é uma ampliação de um diagrama maior realizado no trabalho "Pesquisa-Projeto-Cliente-Arquiteto". Uma linha cinza estabelece a ordem de execução das etapas de trabalho na pesquisa. Um nó pequeno fora da linha cinza representa uma pergunta, a qual conecta a partir de linhas pretas contínuas, as questões diretamente relacionadas aos procedimentos das etapas. Indica-se através de linhas pontilhadas, etapas de trabalho da pesquisa indiretamente influenciadas pelas respostas dos procedimentos de linha cheia, assim mapeando uma rede de influências ao longo do método desenhado para a Cartografia das Territorialidades Culturais.

Imagem elaborada por Gabriela Duarte; Layla Kamilos; Marília Serra; Pedro Norberto; Sofia Boldrini, 2017. Disponível em: <ev.escoladacidade.org/portfolio/modos-de-pensar-modos-de-fazer-g-01/>.

Grid existisse um espaço em comum para que nas etapas tivessem a oportunidade de justapor seus conteúdos, seus resultados, como meio de permitir construção mais complexa e aprofundada do conhecimento sobre a produção cultural dos arredores do Sesc Campo Limpo, construção essa que seria capaz de provocar a produção arquitetônica da nova unidade.

Discutir sobre estes estratos de conteúdo, no entanto, exige maior detalhamento do que seria uma quase-hierarquia com a qual identifico tais estratos; descrita por Hey (2004, tradução nossa) como a "Corrente Dado, Informação, Conhecimento e Sabedoria" (DICS), e ilustrada ao citar o poema "The Rock" (ELIOT, 1934): "*Where is the life we have lost in living? Where is the wisdom we have lost in knowledge? Where is the knowledge we have lost in information?*".

A corrente DICS prescreve uma relação direta e crescente entre dado, informação, conhecimento e sabedoria na qual:

Dados são símbolos que representam as propriedades de objetos e eventos. Informação consiste em dado processado, com seu processamento direcionado em aumentar sua usabilidade. Por exemplo, censeadores coletam dados. A equipe do censo então processa estes dados, convertendo-os em informação a ser apresentada nas numerosas tabelas publicadas nos Resumos Estatísticos. Assim como dado, informação também representa as propriedades de objetos e eventos, porém de forma mais compacta e útil. A diferença entre dado e informação é estrutural, e não funcional. Informação está contida nas descrições, respostas as questões que começam com palavras tais como quem, quê, quando, onde e quantos. Conhecimento convém as instruções, respostas as perguntas de como [...] [...] Sabedoria lida com valores. Ele envolve o exercício de julgamento. Avaliações de eficiência são todas baseadas numa lógica, que a princípio, pode ser programada num computador e automatizada. Estes princípios avaliativos são impessoais. Podemos falar de eficiência como um ato independente do autor. Não tanto para

efetividade. O julgamento de valor de um ato nunca é independente do juiz, e raramente é o mesmo entre dois juízes. (ACKOFF, 1999, p.170-172, tradução nossa).

Ackoff separa conteúdo em quatro categorias, que estão organizadas numa hierarquia de conteúdo menos processado (dado) a mais processado (conhecimento), com cada nível desta estrutura correspondendo a uma finalidade ao conteúdo: dados descrevendo propriedades sobre objetos; informação atuando como leitura regrada destas propriedades; conhecimento como a articulação destas leituras de modo a construir procedimentos; e por fim, sabedoria que articula a noção destes procedimentos de modo a atribuir valor, a capacidade de julgar conjuntos de procedimentos.

Ao construir essa corrente entre saber, conhecimento e informação é exposta uma relação entre os conceitos que é usualmente expressada por seus níveis de processamento, ao articular "grandes quantidades de dados que são destilados a uma quantidade menor de informação, que em seguida é agregada para ser mais destilada, para ser mais amplamente aplicável como conhecimento" (HEY, 2004, p.2, tradução nossa).

Com a leitura das fases de pesquisa e o modo como conteúdo tomou forma na chave descrita acima, rapidamente se identificou aproximações desta interpretação com o conteúdo e a estrutura da pesquisa, tanto a partir de esforços similares no processamento de dados em Constelações, Redes e Tipos, como no processamento de conteúdo a níveis mais altos da corrente DICS – neste caso o *grid*, o qual se julga ser mais apto de provocação de projeto, acesso e fertilização cruzada⁸ por seus "juízes" subsequentes, neste caso os usuários e os produtores culturais em momento de devolutiva.

Isso se torna mais aparente na medida em que o Grupo de Pesquisa Escola da Cidade (GPEC) classificou conteúdo em três ordens: o conteúdo genérico, proveniente de dados estatísticos e leituras urbanísticas que dão uma imagem sobre o objeto de estudo numa esfera genérica, de escala urbana; o conteúdo específico, que provém das leituras antropológicas a partir dos relatos e visitas aos produtores

culturais e das fichas tipológicas; e, por fim, o conteúdo abstrato, a partir das justaposições e novas leituras realizadas em *Grid*, como especificado por etapa: Constelações – genérico; Redes – específico; Tipos – específico; *Grid* – específico-abstrato; Cruzamentos – específico-abstrato; e Relatório – site-abstrato.

Contudo, de acordo com Hey (2004), o poder de um dos elos da corrente DICS de influenciar, assim como de se transformar em outro elo, a Cartografia das Territorialidades Culturais apresenta a mesma dinâmica com sua produção. As etapas preliminares da pesquisa atuam como ponto de partida de etapas subsequentes: seja abrindo mão do seu poder de síntese como produto por si só ou como o ápice do conteúdo sintetizado e interpretado sob uma perspectiva – logo atuando como sabedoria ou conhecimento; ou descrevendo detalhadamente as propriedades de um objeto observado – atuando como dado ou informação.

Isto é visível na descrição das atividades de cada etapa, que estabelece mais de um produto ao qual pertence a ordens diferentes na corrente DICS, podendo uma mesma fase conter dado, informação etc.; assim como se observada pelo ponto de vista de uma fase seguinte, o produto que antes era dado pode se comportar como informação para ela e vice-versa:

1. Constelações [...]

[...] 1.2 Compilação de informações já recolhidas, busca e identificação de potencialidades na Internet; [dado - informação (constelações), dado (redes e tipos)]

1.3 Verificação e convite por parte da Gerência da unidade do Sesc Campo Limpo, junto com Escola da Cidade, dos principais agentes culturais coletivos atuantes no campo de estudo; [dado - informação (constelações), dado (redes e tipos)]

1.4 Levantamento e mapeamento censitário preliminar do perfil socioeconômico dos segmentos populacionais presentes, incluindo número de habitantes, renda, faixa etária; [dado (constelações), informação (redes e tipos) [...]

1.8 Cartografia interpretativa (gráfica e textural) das condições urbanísticas

gerais e sua inter-relação com o contexto urbano, a localização [...] e a inserção urbana [...] das territorialidades culturais identificadas [...] [informação (constelação), dado-informação (redes e tipos), informação (*grid*)]

2. Redes [...]

[...] 2.2 Pesquisa em campo para entender alguns fenômenos sociais (fluxos, ocorrências, dinâmicas e estáticas) destas territorialidades, mostrando-se necessária a investigação de parte da vida cotidiana atual [dado (redes), informação (tipos)]

[...] 2.3 Mapeamento, sem distinção de importâncias e hierarquias, das forças e interações reconhecidas por parte da Escola da Cidade com intenção de identificar padrões de comportamento [informação (redes), dado - informação (*grid*)]. (GPCC, 2016, p.7-9).

Em Constelações, etapa alinhada à produção e procedimentos de urbanismo, por exemplo, o item 1.2 atua como dado e informação para uso nos procedimentos da fase, mas seu conteúdo em geral foi utilizado como dado para melhor definir quem são os produtores culturais a serem visitados em Redes e Tipos, etapas alinhadas à produção e procedimentos de antropologia e arquitetura respectivamente.

Desta forma é possível entender como as atividades de uma fase continuam ainda produções que tem um fim em si mesmas. Passíveis de construção de conhecimento em suas respectivas etapas ao mesmo tempo em que se comportaram como dado, informação etc, de acordo com a etapa que as processou. Logo, serviram como conteúdo necessário para dar início a fases posteriores.

Ou seja, a fase *Grid*, que serviu como agregador de conteúdo entre etapas e procedimentos entre disciplinas, e comotal tem aptidão para atuar como recurso que sintetiza grande porção da pesquisa, não deve ser lida como um produto isolado e único capaz de descrever o trabalho. *Grid* é crucial caso se pretenda explorar a complexidade da pesquisa e conhecer o andamento das etapas que precedem, pois sua execução pode mudar à medida que se exploram os resultados das fases iniciais

da pesquisa, assim como o próprio funcionamento delas.

A partir do pressuposto de que a ordem das etapas da pesquisa influencia em procedimentos e produtos, apresentamos alguns dos recursos identificados em sua estrutura que permitiram a interação das etapas de trabalho – que se relacionam mais diretamente com algumas das disciplinas em atuação na pesquisa – e algumas das dificuldades na realização do mesmo.

3. CONEXÕES DE CONHECIMENTO: ASSUNTO COMO PONTE

Como já mencionado, as etapas da pesquisa envolveram discussões e procedimentos que se alinharam mais com determinadas disciplinas devido à natureza do conteúdo que aquela etapa se propunha a trabalhar, fosse ele conteúdo proveniente de tabelas de censo demográfico ou conteúdo construído a partir dos relatos feitos nos dias de visita à exposição pelos pesquisadores. Ou seja, os conteúdos com os quais a pesquisa se propunha antecipadamente a trabalhar, posteriormente alimentaram a realização de outra etapa, alterando o comportamento e interpretação do conteúdo, este agora a ser lido por outra etapa da pesquisa.

Inicialmente, falar de assunto é tratar de temas e limites que ele assume, de forma a complementar conteúdo. Se por um lado conteúdo trata da composição de algum quê sem distinções, por outro, assunto determina como dividi-lo e limitá-lo de acordo com a aproximação feita por um observador. Essa aproximação é arbitrária, mas em geral é definida pela metodologia de uma disciplina, como ocorre usualmente numa pesquisa, ou resultado de uma interação entre disciplinas, como ocorreu na Cartografia das Territorialidades Culturais.

Por um lado, a escolha pela combinação de metodologias entre etapas diante de um assunto pode apresentar grandes vantagens quanto à representação que uma pesquisa apresenta, e na atenção a conteúdo durante levantamento e processamento do conteúdo, até soluções inusitadas a problemas que venham à tona por meio deste choque.

No entanto, problemas podem surgir a partir dessa mesma interação. Vejamos, por exemplo, o caso que Golub (2014) apresenta no prefácio de seu livro, em relação à longa colaboração em sistemas de acesso à informação entre biblioteconomia e ciências da computação:

A natureza interdisciplinar de ciência da informação e de biblioteconomia tornou evidente que existe potencial considerável para esforços conjuntos para criar sistemas de recuperação de dados efetivos e amigáveis ao usuário [...] Ambas as disciplinas científicas partilham de alvos comuns, um dos maiores sendo suportar recuperação de dados de recursos por assuntos ou tópicos.

As duas disciplinas contêm planos de fundo epistemológicos distintos, que são ambos uma vantagem e desvantagem em relação a junção de esforços para a criação de sistemas de recuperação de dados amigáveis ao usuário. Uma vantagem seria que a mistura das teorias, metodologias e aproximações das disciplinas feitas de forma apropriada, podem gerar excelentes soluções para certos problemas [...] Uma grande desvantagem pode ser que as teorias, metodologias e aproximações que diferem entre si, possam criar obstáculos à comunicação e o entendimento entre as duas disciplinas. Ciências da computação, biblioteconomia e da informação freqüentemente utilizam terminologias diferentes que significam a mesma coisa e contenham diferenças conceituais inatas [...]. (GOLUB, 2014, p.1, tradução nossa).

No caso citado, as vantagens residem na ampliação de recursos e leituras que resultam desta colaboração, e simultaneamente trazem incompatibilidades de terminologia ao representarem conceitos diferentes com as mesmas palavras. Isso coloca em risco as facilidades de acesso e produção de conteúdo, tornando mais complexo o processo de trabalho.

Mas como Golub ressalta em seguida, o ponto chave dessa forma de abordagem reside nas compatibilidades entre as

epistemologias, ou seja, nos pontos em comum entre as estruturas que definem conhecimento para uma disciplina, consequentemente moldando seus procedimentos e sua aproximação diante de um objeto de assunto.

E como tal, o assunto-conteúdo é essencial para definição destas interações, através de uma relação objeto-índice⁹ existente entre assunto e conteúdo. Ela permite discutir sobre a produção, sem lidar com algumas das complexidades que se encontram em práticas limitadas às áreas e em contato direto com a produção, tornando assunto um recurso agregador ou segregador de conteúdo.

Além disso, o termo "assunto" direciona o escopo de investigação, seja de acesso, processamento e/ou produção de conteúdo, mas não sem conter alguns vícios e dificuldades de interpretação como Birger (1992) apresenta em diferentes leituras filosóficas que tratam da definição de assunto:

De um ponto de vista ingênuo (realista direto), o conceito de 'assunto' ou 'matéria de assunto' não se mostra como problema: é meio óbvio o que são assuntos. O livro *Psicologia Geral* tem naturalmente o assunto 'psicologia', e a *História da Inglaterra* Cambridge tem 'história' como seu assunto, podendo ser subdividido, caso assim se deseje, em 'história mundial' e 'história da Inglaterra'.

Um ponto de vista menos ingênuo reconheceria que não é necessária a correspondência entre, por exemplo, o título de um livro e seu 'assunto' de fato. Autores com um pano de fundo numa disciplina em particular (por exemplo psicologia, psiquiatria ou sociologia) podem apresentar a tendência de nomear seus trabalhos com sua própria disciplina, mesmo quando o conteúdo dos trabalhos pode tão facilmente justificar menção de outro campo. 'Uma história de psiquiatria dinâmica' também pode ser chamada de 'Uma história de psicologia dinâmica' e qual seria o seu assunto de fato [...]? (BIRGER, 1992, p.172-173, tradução nossa).

Ao mencionar uma abordagem realista direta, Birger aponta para as dificuldades

de se definir os limites de um assunto, e com isto definir limitações no escopo de atuação de uma disciplina que facilmente é confundível com outra, com a qual contenha objetivos, práticas e discussões em comum. E adiciona:

Renunciar a uma determinação exata sobre um dos conceitos básicos de biblioteconomia e ciências da informação é matéria questionável. Não aceitamos tal agnosticismo como Patrick Wilson¹⁰. Como veremos adiante, é possível definir assuntos. Mas não através do exame das mentes de autores, usuários ou quaisquer grupos específicos de pessoas [...] Tentativas de ir além disso levantam a questão: quais são os critérios objetivos para o assunto de um documento? (BIRGER, 1992, p.176, tradução nossa).

Construir sobre essa perspectiva isolada, definida a partir de um espectro de atuação que tem sua origem na leitura e interpretação de pessoas (idealismo subjetivo), não isola a prática de uma disciplina da outra, e sugere uma interação entre conteúdos por meio desses critérios de objetividade que cercam esse invólucro de conteúdo com suas práticas, leituras e interpretações.

Isto se torna muito relevante à medida que trazemos esta reflexão para o conteúdo da pesquisa, uma vez que nesta associação direta, mas não exclusiva, entre etapa e disciplina, levanta-se a questão de quais os critérios que dão forma à atuação de uma etapa?

Durante o processo a pesquisa trilhou um caminho similar à leitura de assunto idealista subjetivo para realização de leituras na fase do *Grid*. Com um entendimento das questões a serem levantadas em cada fase, determinou-se quais seriam as informações necessárias para prosseguir com a confecção do *Grid* para então agregar informações de diversas origens e formas de expressão. Em suma, procurou-se objetivar a informação ao afastar o acesso ao conteúdo de particularidades trazidas anteriormente pelo interpretante.

Contudo, Birger atenta que nos esforços pela busca de critérios em comum entre assuntos no momento em que se objetiva

conteúdo, propõe-se encontrar uma estrutura que não é limitada pelo particular, já que a expressão de conteúdo sobre determinados assuntos é universal:

Idealismo objetivo [...] considera um conceito como um resumo psíquico ou entidade mental (uma ideia) que existe em si e por si próprio, e a relação disto com coisas concretas é tal que estas coisas compartilham nas entidades mentais que as representam via o conceito. Realismo (no sentido acima) considera, noutras palavras, que conceitos genéricos representam algo universal, que existem além e independente da consciência humana, e que ao mesmo tempo existem ante coisas separadas [...]

Traduzido em termos do problema de 'assunto', isto significa que documentos concretos compartilham 'ideias' expressadas num dado assunto. Estas ideias existem além da consciência humana (ou dentro dela como percepções 'a priori') e também precedem conceitos individuais em documentos individuais. Estas ideias ou assuntos têm propriedades fixas ou universais; eles podem de uma vez por todas serem separados em partes individuais [...]. (BIRGER, 1992, p.176, tradução nossa).

Sob esta ótica, o assunto assumiu um papel que exprimiu e articulou seus elementos constituintes numa macroescala diante destas ideias que estavam para além do objeto e que, por isso mesmo, realizou interfaces e permitiu a busca por regularidades, proximidades e disparidades diante deste parâmetro em comum. Não por coincidência tal leitura se assemelha ao objetivo e funcionamento de *Grid*, cuja distância pode ser ilustrada por Birger quando cita um artigo sobre a Classificação de Vírgulas (GOPINATH, 1976, p.60):

2.7 Sintaxe absoluta de ideias

Um assunto é em grande parte o produto de pensamento humano. Ele apresenta um padrão de ideias criado por especialistas de qualquer campo por especialistas de qualquer campo de inquisição. Trabalhando num nível quase-seminal e postulando sobre uma sequência favorável diante das facetas

e dos isolados guiou a conjuntura de que talvez exista uma 'sintaxe absoluta' diante dos constituintes dos assuntos dentro de um assunto básico, talvez paralela à sequência do processo de pensamento em si mesmo, independente da língua na qual as ideias serão expressadas, independente do plano de fundo cultural ou outras diferenças nos ambientes em que especialistas, assim como criadores e usuários do assunto, serão colocados [...]. (GOPINATH, 1976 apud BIRGER, 1992, p.178, tradução nossa).

Essa sintaxe absoluta de ideias, embora levante fatores cruciais na comunicação entre etapas, "não é a mais eficiente em toda a situação. Ao abrir mão de contexto e particularidades que dependem do contexto" (BIRGER, 1992, p.178) para melhor cercar o conteúdo abordado, como as demandas para a produção do conteúdo, ela perigosamente traz esforços de agregação (similares ao *Grid*) como elementos que achatam a interpretação da realidade e suas ramificações possíveis. Demandas de produção que quando levadas em consideração abrem caminho para a apreensão de propriedades em potencial que sejam relevantes aos objetivos de uma pesquisa.

Falar de potencial, segundo Birger, é "falar de possibilidade objetiva" (1992, p.185). Neste caso, objetividade se relata a duas condições a partir "da epistemologia realista: 1. é independente do sujeito que a apreende; 2. está em acordo com a realidade." (BIRGER, 1992, p.182). Isso é real tanto para acesso a conteúdo quanto para produção, e que este conteúdo em potencial se intensifica à medida que sua descrição é colocada a teste com a realidade:

Para repetir: existe um contraste direto entre os dois conceitos de objetividade na avaliação das propriedades mais significativas de um livro e seus assuntos, sucessivamente. A solução não é uma decisão por maioria (um reconhecimento por uma maior quantidade de pessoas). A solução é uma argumentação explícita e, se não é a provisão de uma prova, deve ao menos ser capaz de estabelecer uma possibilidade. Quando mantemos que as propriedades de um documento são objetivas, mesmo que a sua descrição

exija pré-requisitos subjetivos especiais, isto implica que a realidade, o teste do documento em prática, irá em última instância decidir seu potencial informativo, não importe quantas más colocações sejam feitas anteriormente. (BIRGER, 1992, p.176, tradução nossa).

No momento em que realidade é eleita como árbitro assunto-conteúdo acaba se valendo de uma interpretação subjetiva (no que concerne o conhecimento dos interpretantes), determinando como cada interpretante possui abertura para manipular esse assunto de acordo com sua metodologia, e parte objetiva que almeja a interação entre interpretações de diferentes origens. Essa estrutura esteve diretamente alinhada aos interesses da etapa *Grid*: "A primeira noção de *grid* que aqui interessa explorar é a de estrutura potencial de construção e organização formal e de disseminação de informação visual. Nesse sentido, *grid* se apresenta como possibilidade de integrar, num mesmo espaço articulado, vários tipos de informação [...]" (GPEC, 2017, p.9).

Tomar como premissa que *grid* é uma estrutura que prevê e permite que construções em potencial se agreguem, reforça a noção de que ordem da pesquisa influencia o produto final, tanto a partir da produção que pode ser readaptada até certo momento na pesquisa, quanto pela maneira como ela se propõe a ser testada pela realidade, como previsto pela realização de uma devolutiva em P6 - Cruzamento.

Para demonstrá-la na estrutura da pesquisa, sugiro num primeiro momento reconstituir o fluxo de andamento da pesquisa, lembrando os momentos de conteúdo genérico > específico > abstrato agora os sugerindo como genérico > subjetivo > articulado. Sugere-se esta mudança pelo objetivo da criação das categorias durante a pesquisa, de iluminar as qualidades de cada uma das classificações diante dessa então apreendida progressão do conteúdo, buscando novos jeitos de abordar o conteúdo da pesquisa, ainda mantendo a noção das escalas de pensamento. Por meio dessa terminologia se propõe vincular a escala da informação, com nível de objetividade e processamento de conteúdo (seja dado ou informação) para articular

novos conhecimentos enquanto se preserva a memória do processo na pesquisa.

Cada fase, representada na fig. 2 pelos círculos, está inscrita em polígonos em tons de cinza equivalente às categorias de conteúdo genérico e subjetivo, contidas por um polígono em branco maior que os anteriores, onde há possibilidade para movimentação e reorganização dentro do que seria o espaço do conteúdo articulado.

Pela forma como foi representada, a figura sugere que existam trocas entre fases, e como levantado ao longo do texto, a ordem de execução do método modifica o funcionamento de fases subsequentes. No entanto, isso independe da existência de conexão (já foi constatada uma interação com todos os nós dessa rede), voltando-se à interpretação de conteúdo em seus diversos graus de processamento, representados pelo gradiente de menos processado (mais escuro) até mais processado (mais claro). A partir da reorganização destes polígonos internos, construiu-se uma articulação de conhecimento, que no momento de ser posta em teste, vinculou-se a outras unidades de conhecimento para construir uma imagem mais precisa sobre conhecimento do objeto de estudo.

Logo o diagrama sugere que a produção de conteúdo na pesquisa poderia ter como ponto de partida tanto a execução de fases como Constelações, quanto Redes, ambas alimentam a etapa Tipos (tanto se inicialmente, quanto se realizada posteriormente) e que quando realizada são concentradas e relidas diante dos parâmetros de *Grid*.

Finalmente essas partes de conteúdo contam com Constelações e Redes nos pontos menos processados da corrente, lembrando que agora temos produtos de cada uma das fases em diferentes pontos da Corrente DICS, enquanto Tipos e *Grid* se aproximam de um grau de processamento dos dados - informação como conhecimento para futuramente realizar essas comparações de conhecimento com a devolutiva.

Prosseguir com o reconhecimento de potencial na estrutura de pesquisa exige entender que, em geral, cada uma das fases contém três momentos de execução:

- Levantamento: definição de um escopo de conteúdo para prospecção ora de

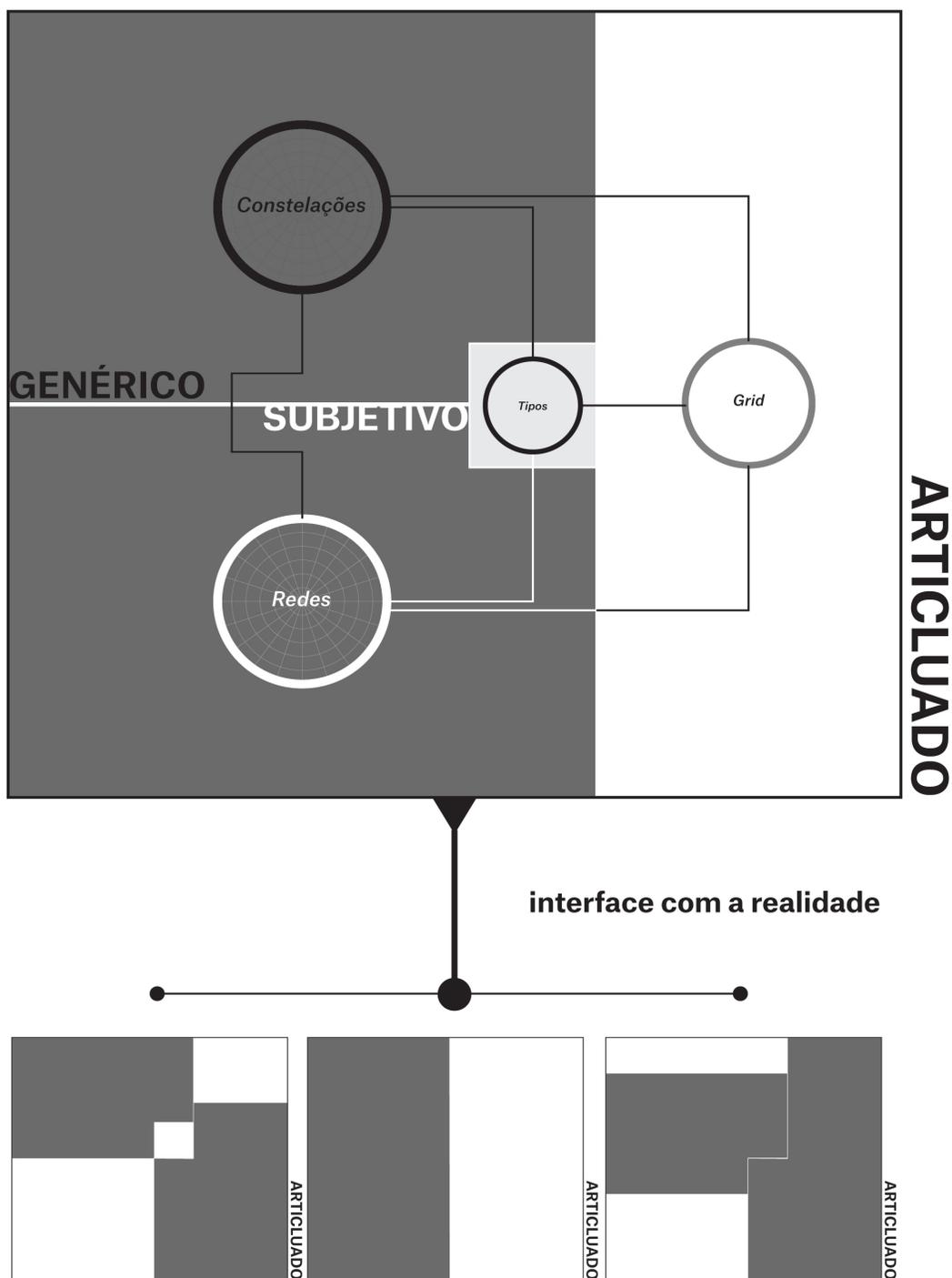


FIG. 2:

Diagrama Genérico – Subjetivo – Articulado – Nós respectivos as fases inseridos numa lógica do quão processado é o dado de acordo com seu gradiente representado pelos planos (Cinza Escuro: Dado/Informação; Cinza Claro: Informação; Branco: Informação/Conhecimento), e pela maneira como articula esse conteúdo produzido para interpretar a realidade, e por fim, ser posto à prova tanto por ela, quanto por outras descrições dela (devolutiva). Dados e informações de Constelações e Redes foram necessários para dar início a Tipos tanto quanto Grid logo se conectam tanto a esta etapa intermediária de processamento quanto a final, indicando em cada tom deste gradiente, a conformação de diferentes grupos de informação numa unidade de conhecimento. Conhecimento este posto a prova em contato com a realidade e outros conhecimentos.

Imagem elaborada pelo autor, 2018.

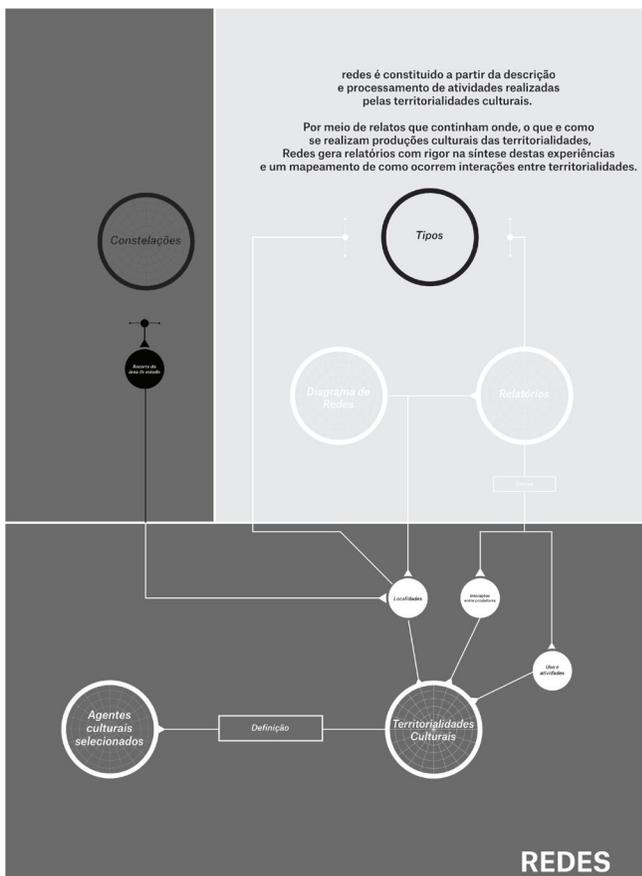
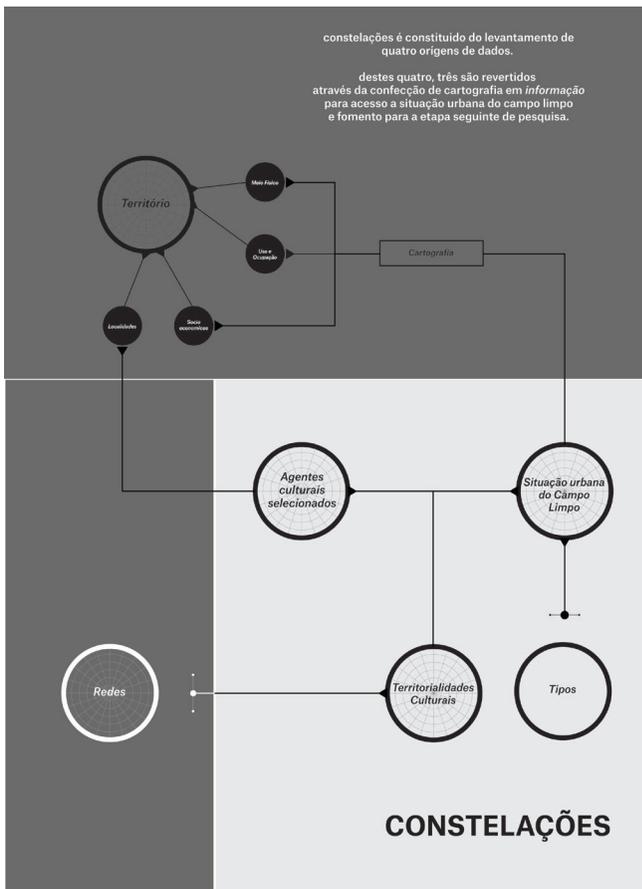


FIG. 3: Ampliação do Diagrama Genérico – Subjetivo – Articulado: indica dinâmicas e interações internas e entre fases de pesquisa analisadas. Imagem elaborada pelo autor, 2018.

FIG. 4: Ampliação do Diagrama Genérico – Subjetivo – Articulado: indica dinâmicas e interações internas e entre fases de pesquisa analisadas. Imagem elaborada pelo autor, 2018.

dado, ora de informação etc, a depender do objetivo da fase;

- Interpretação: leitura do conteúdo levantado para seleção e filtro, de modo a melhor se enquadrar no escopo previsto pela fase;
- Tradução: construção de produtos legíveis que descrevam o conteúdo levantado e estejam preparados para uso numa leitura posterior.

É importante ressaltar que embora a atuação das fases da pesquisa transmita a aparência de uma linha de sentido único, sua operação ocorreu muitas vezes de forma simultânea, pois o conteúdo levantado frequentemente tinha diferentes níveis de processamento.

Por fim, é preciso reforçar a escolha de se debruçar sobre as fases de Constelações e Tipos para produzir este ensaio. Essa decisão partiu da clareza de que as duas fases estavam respectivamente alinhadas, tanto com relação ao seus métodos e acessos quanto às disciplinas de arquitetura, urbanismo e antropologia. Como foi descrito anteriormente, ter pontos de partida diferentes influencia a produção do grupo de pesquisa, no momento em que os dados/ informações a serem levantados para realizar leituras sobre a área de estudo são diferentes, mudando depois a atuação de uma etapa posterior. Logo, os gráficos (FIGS. 3 e 4) internalizaram em sua representação a condição descrita.

Tanto a fase Constelações quanto a Redes partiram da descrição de algum aspecto do objeto de estudo (tanto na forma de dado quanto informação) para construir seu andamento. Posteriormente, os produtos que foram processados na linha metodológica da etapa deram resultado ao produto principal daquela fase – ora como uma imagem genérica do Campo Limpo a ser obtida por meio de leitura urbanística como em Constelações, com dados levantados pela produção de mapas nos temas explorados pela etapa, ora como análise específica de interações e atividades realizadas por um conjunto de produtores culturais do Campo Limpo, como feito em Redes; e nesses subprodutos, que são importantes para a construção deste resultado final da fase assim como alimentam reflexões,

o funcionamento de outras fases e atuam como vínculos entre disciplinas.

Desta forma, começar com Constelações ou começar com Redes mudaria a qualidade do andamento da pesquisa, pois a produção resultante da fase determina uma reflexão inicial sobre a etapa seguinte podendo modificar seus pontos de partida por meio de alguns dos vínculos mapeados na fase que lhe antecede, para além de outros que podem existir em seu conteúdo.

Com isto, essa reflexão sobre o conteúdo da Cartografia das Territorialidades Culturais chega a uma conclusão trazendo à luz um dos pensamentos sobre fertilização cruzada citados no Relatório 7: Relatório Conclusivo (GPEC, 2017, p.68):

A orquídea deixa-se contagiar pela vespa, ela se desterritorializa (saindo do território puramente de orquídea) e forma uma imagem de vespa nela mesma (devir-vespa e não imitar ou copiar), e a vespa se reterritorializa nesta imagem criada na orquídea.

Ela não faz isso porque quer imitar uma vespa, mas é uma captura, ela incorpora o movimento da vespa.

'E a vespa faz o mesmo, é capturada pela orquídea, devém orquídea, não porque quer ser uma, mas porque quer ser apanhada por esse movimento'.

[FRAGMENTOS DE INTENSIDADE]

Entre a vespa e a orquídea algo se passa que as liga. Uma forma de sintonia entre o reino animal e o vegetal. Há algo de vespa na partitura da orquídea e vice-versa. "A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. (DELEUZE, GUATTARI, 1987 apud GPEC, 2017, p.68, grifo do autor).

Neste jogo de contágio entre a vespa e a orquídea, a interação entre elas depende destes elementos que compõem o plano comum entre as duas, sem que sigam o esforço de imitar uma a outra. Mas sim, que tragam a atenção para a interação entre ambas, expandindo nosso entendimento delas a partir da observação de como interagem.

Explorar assunto e conteúdo deriva de preocupação similar com a busca

de recursos que permitam melhor compreender a produção da Cartografia das Territorialidades Culturais, como resultado de uma pesquisa interdisciplinar que trabalhou com conteúdo proveniente de múltiplas fontes, formas de representação e uma devolutiva com a população, produtores culturais do Campo Limpo e público do Sesc Campo Limpo. E que ao fim de tudo, propôs-se a revisar todo o conteúdo levantado com o intuito de provocar o projeto de um condensador social do porte do Sesc.

Assunto e conteúdo têm o potencial de permitir novos pontos de partida para responder à demanda, uma vez que cada fase contém um produto resultante de uma subjetividade e que, em última instância, determinam os critérios para objetivar as leituras e, por fim, potenciais acessos que um leitor faria sobre a pesquisa levantando a questão: Quais seriam os acessos em potencial de conteúdo que um projetista do Sesc Campo Limpo faria ao material de pesquisa?

A LINGUAGEM E A PESQUISA ACADÊMICA PARA OUTROS PÚBLICOS

Beatriz Ribeiro de Souza Dias

Dentro da metodologia de trabalho estabelecida para o desenvolvimento da pesquisa das Cartografias das Territorialidades Culturais, os meios antropológicos aliaram-se aos arquitetônicos e urbanísticos como forma de reunir dados e produzir informações em ambos os campos de conhecimento, tendo por objetivo "expressar as singularidades de cada territorialidade estudada e as operações que delas derivam ou que são possibilitadas por elas" (GPEC, 2016, p.4). Dessa maneira, o trabalho de campo e o contato com o público pesquisado – os produtores culturais – aconteceu em diversos momentos no decorrer de toda a pesquisa, assim como ficou especificado no plano de trabalho¹¹ estabelecido: Constelações, Redes, Tipos, Grid, Cruzamento e Relatório-Site. Sendo a etapa Cruzamentos o objeto de estudo deste ensaio, é válido fazer aqui uma

descrição mais detalhada de como ela se configurou e quais eram seus objetivos.

Tendo como intuito fomentar um diálogo¹² entre as partes envolvidas na produção da pesquisa – pesquisadores e pesquisados –, além de levar o conteúdo ao público geral (não apenas frequentadores do Sesc, mas à população dos bairros de Campo Limpo, Capão Redondo e Jardim São Luís como um todo), a etapa Cruzamentos se materializou em uma exposição no Sesc Campo Limpo denominada Cartografia das Territorialidades Culturais, de setembro a dezembro de 2017, onde foram exibidos os resultados dos meses de produção.

Essa etapa do trabalho foi configurada pelo esforço de cruzar conhecimentos; aquele construído com o processo de pesquisa com o produzido naquele momento da exposição, de troca e contato com o público. Buscou-se a partir das conversas com a população do Campo Limpo, frequentadores do Sesc e produtores locais de cultura levantar novas percepções e reprocessar as informações já consolidadas, com o objetivo de evitar que os dados obtidos fossem interpretados de uma forma muito subjetiva.

Para apresentar os dados da pesquisa ao público a equipe se debruçou na produção de um projeto de expografia que buscava sintetizar o trabalho realizado de maneira a possibilitar aos visitantes uma leitura articulada das informações. Foram produzidas 23 pranchas ao todo, entre painéis de cada etapa do trabalho, chamada, apresentação e diversos mapas. A linguagem, embora adaptada para a exposição, mantinha um diálogo com a estética das peças gráficas produzida ao longo da pesquisa. Associado às pranchas de conteúdo, foi pensado um espaço expositivo que fosse convidativo e estimulasse a permanência dos visitantes, abrigando debates e conversas. Para alcançar esse objetivo, foi projetado um deque de madeira com alguns bancos em frente ao contêiner onde estava a exposição. Os desenhos (FIGS. 1, 2 e 3) ajudam na compreensão do projeto expositivo.

Para que o diálogo desejado acontecesse de uma maneira mais efetiva foram organizadas algumas ações que buscavam estabelecer um contato mais direto do público com os pesquisadores.

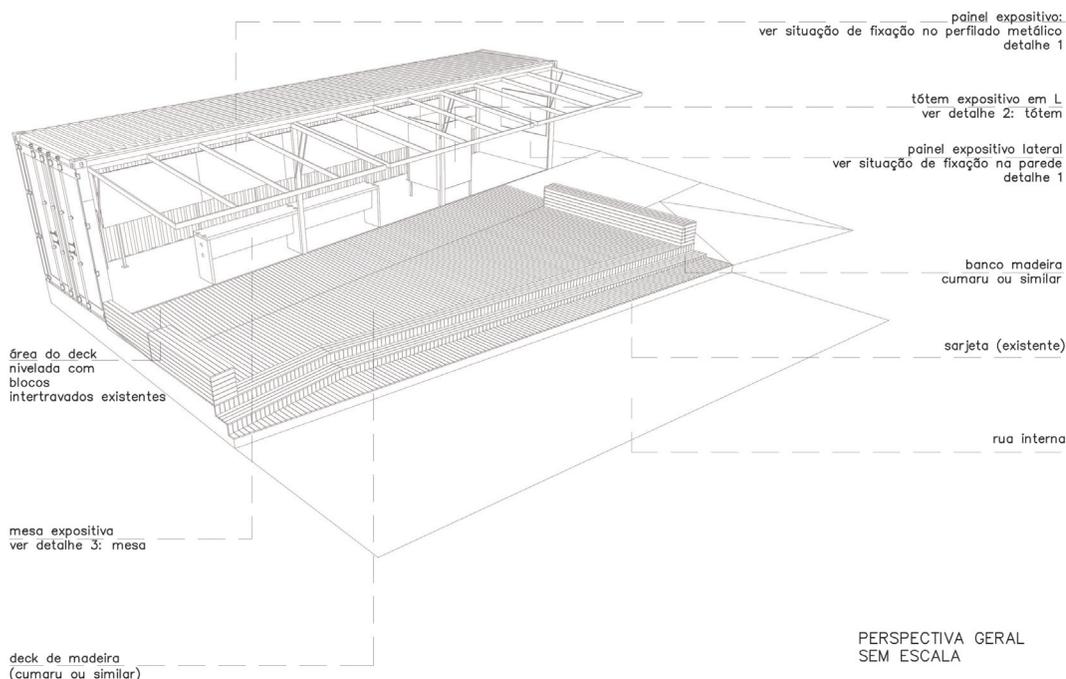


FIG. 1:

Perspectiva descritiva da área da exposição.

Imagem elaborada pela equipe da Pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais, 2017.

Primeiramente foram planejadas quatro oficinas realizadas aos sábados, durante o mês de setembro de 2017, cada uma programada para descrever e refletir sobre uma etapa da pesquisa. Tais oficinas aconteceram em forma de bate-papo com o público participante, de modo a ter sua discussão guiada a partir dos interesses por eles levantados.

O último painel do material elaborado para a exposição, nomeado de cenários futuros, foi mais um elemento pensado como provocador da discussão e tomado como ponto de partida para essas oficinas. Nele eram apresentados projetos públicos que geram perspectivas de transformação no entorno do território do Sesc Campo Limpo. Em paralelo, uma nuvem de palavras sob o título de "Projeto Sesc Campo Limpo" instigava as expectativas e receios dos visitantes em relação à nova unidade.

Como método de divulgação para essas conversas, além das convocatórias realizadas pelo Sesc, foi desenvolvido um caderno com o relatório da etapa anterior (*grid*) e o calendário das oficinas, que funcionava como um convite e que foi entregue pessoalmente pela

equipe para cada um dos agentes culturais presentes na pesquisa.

Outra ação organizada, que aconteceu ao longo de todo o período expositivo, foram as monitorias, ocasião em que os pesquisadores permaneciam disponíveis no espaço expositivo durante três horas, de quinta a domingo, realizando atendimentos aos visitantes que se mostrassem interessados; convidando-os a partilharem suas percepções sobre o conteúdo levantado e utilizando deste momento de possibilidade de fala durante o cotidiano da exposição.

Após a realização da exposição, os pesquisadores, tendo participado ativamente dela, puderam ponderar sobre o seu alcance em relação aos objetivos estabelecidos no momento de sua elaboração, além de refletir sobre as questões surgidas de forma espontânea.

Retomando o conceito de diálogo, enumerado como um dos objetivos da exposição, pretende-se agora abordá-lo de uma forma mais complexa utilizando como fundamentação o entendimento do antropólogo Crapanzano, exposto em seu texto "Diálogos" (1991). Crapanzano traz algumas perspectivas fenomenológicas de

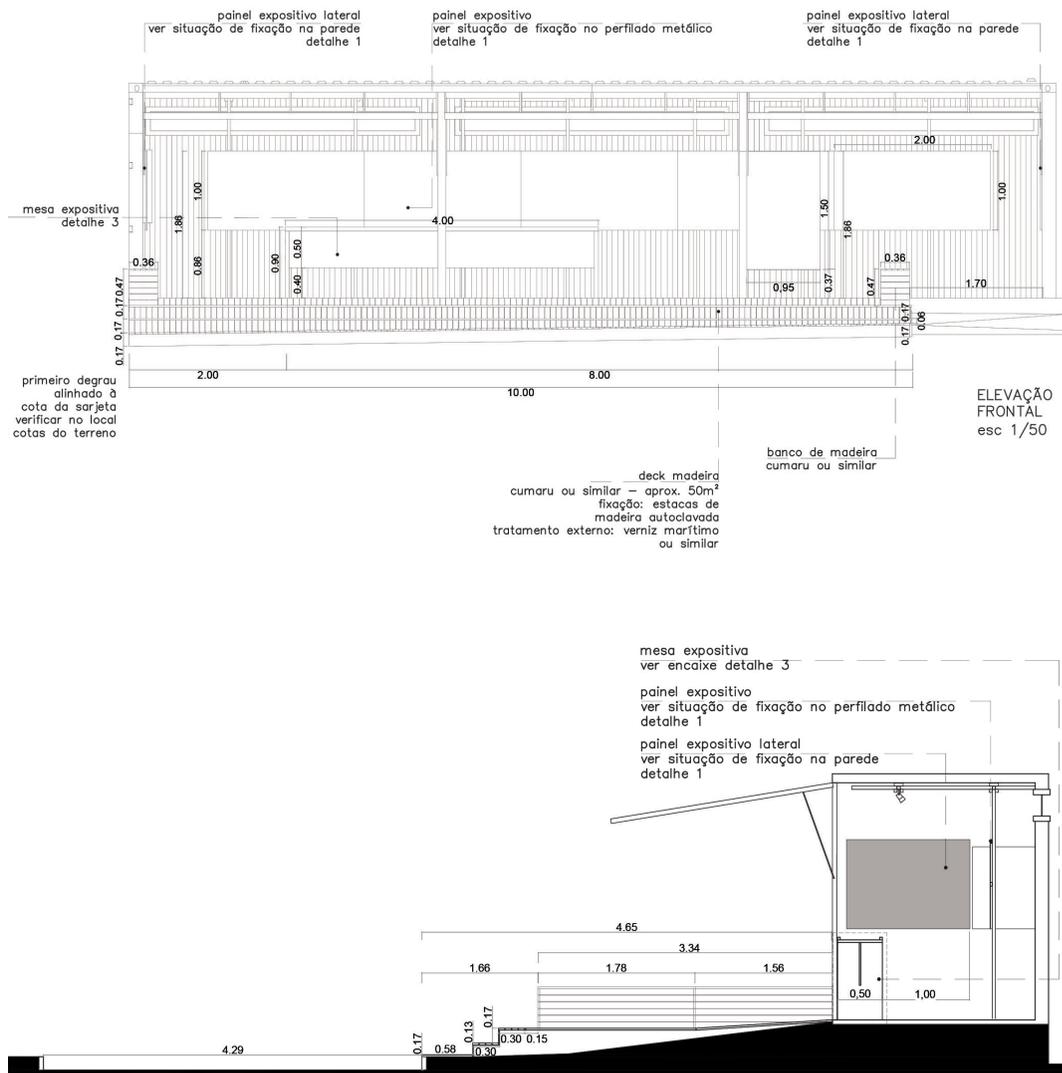


FIG. 2 e 3:

Elevação e corte da área da exposição.

Imagem elaborada pela equipe da Pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais, 2017.

Hans-Georg Gadamer¹³, filósofo alemão que afirma que a linguagem, forma através da qual a conversa¹⁴ se veicula, é por onde se dá todo o entendimento; conseqüentemente podemos entender que uma conversa é a maneira pela qual duas pessoas se entendem.

Dentre os três modos pelos quais Gadamer acredita ser possível entender o outro, é no terceiro deles em que o diálogo se encontra:

[...] O terceiro modo é imediato, aberto e autêntico. À diferença do segundo, em que a pretensão de entender o outro distancia, neste terceiro modo, aberto, não há distância. Os falantes,

no entanto, têm consciência de suas situações históricas – suas ideias e pré-compreensões – e, assim, estão abertos as questões e intenções de seus interlocutores. Creio que esse terceiro entendimento é raro na pesquisa antropológica (inviabilizado, em parte, pela intenção científica do pesquisador e pela postura observante requerida), embora seja o que desejam os antropólogos que sentem falta de algo em sua compreensão do povo que estudam. (CRAPANZANO, 1991, p.62).

Tendo como base de análise os conceitos de conversa como entendimento do outro, é possível identificar a etapa Cruzamentos

justamente como essa tentativa de aproximação do pesquisador com os atores relacionados e objetos pesquisados, as territorialidades culturais, na medida em que se quebra essa barreira da pesquisa antropológica, em que o antropólogo se distancia e mantêm-se como observador. A interação proposta pela exposição é exatamente a busca da pesquisa em entender o outro (os produtores culturais, frequentadores do Sesc e moradores do Campo Limpo como um todo) de acordo com o terceiro modo de Gadamer, o diálogo ou a conversa.

Sobre o mesmo conceito, o filósofo apresenta ainda de que maneira uma conversa é capaz de gerar entendimento e engajamento de ambos os lados: "[...] A conversa exige que 'os participantes se entendam', que estejam um 'com' o outro, e que se deixem 'conduzir pelo objeto' da conversa. Na verdadeira conversa, surge algo novo para os participantes e, de certo modo, independente deles." (GADAMER apud CRAPANZANO, 1991, p.62-63).

Existe, portanto, para Gadamer, uma diferença entre "ter uma conversa" – uma entrevista fixa, por exemplo – e "engajar-se numa conversa":

Sugiro que, no primeiro caso, só o que obtemos são dados que podem ser arrumados num quadro. No segundo, temos a compreensão; o fato criativo; o fato fértil; o fato que sugere e gera", de que fala Virginia Woolf (1942) em seu estudo sobre biografia. Tal entendimento pode facilmente degenerar em simples conhecimento do ser humano, enquanto que o fato 'criativo' e 'fértil' pode facilmente transformar-se num mero dado. (GADAMER apud CRAPANZANO, 1991, p.63).

Esse último trecho citado pode ser diretamente relacionado às estratégias do grupo de pesquisa de realizar ações interativas com o público visitante da exposição. É possível fazer a leitura dessa correlação da seguinte maneira: o material gráfico expositivo, uma vez que estabelece uma relação de mão única com o leitor, atua como o "ter uma conversa", onde existe apenas a apresentação de dados. A necessidade de transmitir a informação cabe única e exclusivamente aos painéis,

da mesma forma que o visitante deve ser capaz de compreender o conteúdo por conta própria. Mais que isso, em circunstâncias ideais onde o visitante teria absorvido todo o conteúdo pretendido pela exposição, ele ainda assim não teria a possibilidade de questioná-la ou debatê-la, por isso dizemos que seria uma mera organização de novos dados.

Por outro lado, as ações interativas promovidas, que permitem a relação direta presencial dos dois lados do diálogo, atuariam como o "engajar-se numa conversa". Dessa maneira, seja no cenário ideal de total compreensão da exposição pelo visitante seja em situação de dificuldade de entendimento do conteúdo exposto, o contato direto com um pesquisador pode aumentar a produtividade da visita; ora traduzindo o conteúdo exposto em uma linguagem mais acessível, ora respondendo às indagações, provocações ou fomentando-as. Além disso, qualquer que sejam os assuntos incitados pela exposição, ou meramente pela interação, já são potenciais criadores de conhecimento.

Portanto, podemos dizer que foi apenas através da realização das oficinas e monitorias, que foi possível gerar uma "verdadeira conversa" com produção e troca de conhecimento.

A partir dessa reflexão nota-se a relevância e necessidade das ações propostas para além de sua importância no cumprimento do objetivo da etapa. A seguir serão apresentados alguns relatos¹⁵ feitos a partir das experiências de monitoria e oficina, que poderão mostrar de maneira mais aproximada a relevância da presença física dos dois lados da conversa no período da exposição. Cada um deles retrata diferentes situações de interação, todas elas com abordagem e desenrolar completamente distintos.

Primeiro relato:

Um funcionário do Sesc e morador da região estava olhando a pesquisa por conta quando o abordamos. Disse que muitas das pessoas dentro da unidade tinham interesse no conteúdo, mas não tiveram acesso aos relatórios. Ao ver as descrições socioeconômicas da região, contou sobre sua trajetória no Sesc e como morador de longa data

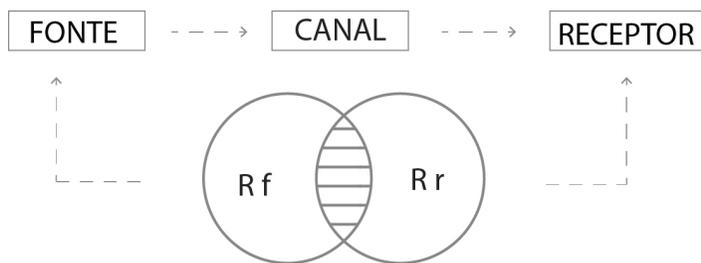


FIG. 4:

Diagrama sobre transmissão de informação.

NETTO, 2003.

do Campo Limpo, viu como muitos dos produtores culturais da região realizavam seu trabalho como uma forma de atividade não remunerada e com certo grau de fragilidade, por não existirem programas de fomento tais como o VAI, ou até mesmo a cultura de valorizar produção de arte na época [...]. (NORBERTO, 2017).

Segundo relato:

Eram três garotas. Uma delas já havia visitado a exposição e por ver que o Cendira¹⁶ aparecia, quis levar as amigas que participam da organização junto com ela. Elas se demoraram olhando a exposição. Uma delas estava super empolgada enquanto a outra parecia desconfiada e apontando críticas (o fato do espaço comunidade não existir mais: "tá meio desatualizada essa pesquisa, né?"; apontou que o Sacolão das Artes estava no lugar errado; questionou o porquê da escola em que trabalha não aparecer no mapa interativo enquanto a da sua amiga aparece). No geral ficaram uns 20 minutos observando a exposição e agradeceram ao sair. (DIAS, 2017).

Terceiro relato:

Logo que chegamos à monitoria, o casal estava entretido olhando a prancha de constelação e relacionando-a com o mapa inicial. Estavam bem confusos, mas entretidos. Nos apresentamos, Marília e eu, como integrantes do grupo de pesquisa e eles ficaram bem felizes e interessados em saber do que se tratava. Afirmaram ter dificuldade de ler o material e perguntaram se o havíamos apresentado em alguma feira acadêmica ou algo mais formal, pois o material tinha cara de acadêmico. Explicamos a pesquisa em geral e a prancha constelações;

eles agradeceram e seguiram lendo a exposição. (DIAS, 2017).

É possível assim perceber que o diálogo entre pesquisadores e visitantes da exposição, mesmo que não diretamente relacionados ao conteúdo exposto, foram fundamentais para permitir avanços no entendimento de diversos aspectos da região, de seus moradores e dos temas relacionados às Territorialidades Culturais. O engajamento desses visitantes em uma conversa – com os monitores – possibilitou que inquietações pessoais suscitadas pelo conteúdo apresentado na exposição fossem expostas e debatidas.

No primeiro relato apresentado, o visitante levantou questões instigado pelo assunto abordado na exposição, mesmo que não fossem diretamente ligadas ao viés abordado. Ao relatar sua experiência como produtor cultural da região no passado, foi capaz de trazer à tona questões desconhecidas para os pesquisadores que atuaram unicamente no momento presente. O relato seguinte, no entanto, estabeleceu-se diretamente com um visitante que integra o grupo pesquisado, deixando o contato estabelecido mais conectado diretamente à pesquisa (mais especificamente o material da etapa *Grid* que apresentava e caracterizava as territorialidades culturais estudadas). Esse contato, entendido como uma devolutiva, evidenciou a importância da questão de identificação e presença no material exposto.

Já o último relato retrata uma situação que deixou palpáveis conquistas, mas também algumas falhas da exposição. Por um lado, perceber o interesse do casal na pesquisa e ver sua busca por entender o que o material exposto tentava transmitir nos mostra que a exposição levou ao campo um assunto de interesse do público e ainda foi capaz de instigar e provocar

REDES



FOTO: FOTO: GILBERTO DE SOUZA/ARQUIVO DA REDE DE PESQUISA



FOTO: FOTO: GILBERTO DE SOUZA/ARQUIVO DA REDE DE PESQUISA



FOTO: FOTO: GILBERTO DE SOUZA/ARQUIVO DA REDE DE PESQUISA



FOTO: FOTO: GILBERTO DE SOUZA/ARQUIVO DA REDE DE PESQUISA

A rede é a forma como se articulam os espaços e atores que produzem cultura na região analisada. Essa constatação, para os agentes, é clara: de que outra forma seria? Entre "encontros", "rolês" e visitas mútuas, a rede se produz e se transforma o tempo todo. Neste diagrama, apresentamos um retrato de como ela se organizava em meados de 2016. Mais importante que sua configuração momentânea são os princípios e ideias que fazem ela se estruturar e modificar.

O diagrama de redes busca mapear e evidenciar os circuitos através dos quais espaços, eventos e coletivos se interligam e fazem transitar os fluxos culturais. Enquanto as redes estão sempre em transformação, este diagrama registra um momento específico em que é possível perceber a prevalência das conexões internas a cada territorialidade cultural, apontando também a importância de ligações externas das redes de apoio.

CAMPO LIMPO E CAPÃO REDONDO

Há vários lugares dentro do mesmo território. O que quer dizer ser do Capão, do Campo Limpo ou do Jardim São Luiz? O que significa pertencer a um lugar? Até onde o seu bairro vai, onde ele começa e onde termina? Esses sentidos são negociados e disputados por quem vive aqui. Como sugeriu um morador "meu bairro é onde eu chego a pé". E como é o seu bairro?

ARTE E CULTURA

Por que a arte que se produz no centro (da cidade e de poder) não chega, ou demora a chegar do lado de cá da ponte? Por que o que é produzido aqui dificilmente chega nos meios hegemônicos de arte? O debate que se dá na produção cultural na região estudada é esse: como aproximar os dois mundos mantendo o que é distintivo da cultura de periferia?

INDIVÍDUO E ENTIDADES

Indivíduos e entidades são os dois tipos de atores que se complementam, fazendo a rede funcionar. Os indivíduos operam essa rede cotidianamente, com parcerias, negociações e criando relações entre si. As entidades permitem que relações mais duradouras sejam estabelecidas, cristalizadas e formalizadas.

PRA CÁ E PRA LÁ DA PONTE

Embora seja feita para unir duas margens, as pontes marcam uma separação. Do lado de cá da ponte, tudo é mais difícil, mas também pode ser mais interessante. Campo Limpo e Capão Redondo transformam o termo "periferia" de estigma em marca, de constrangimento em orgulho.

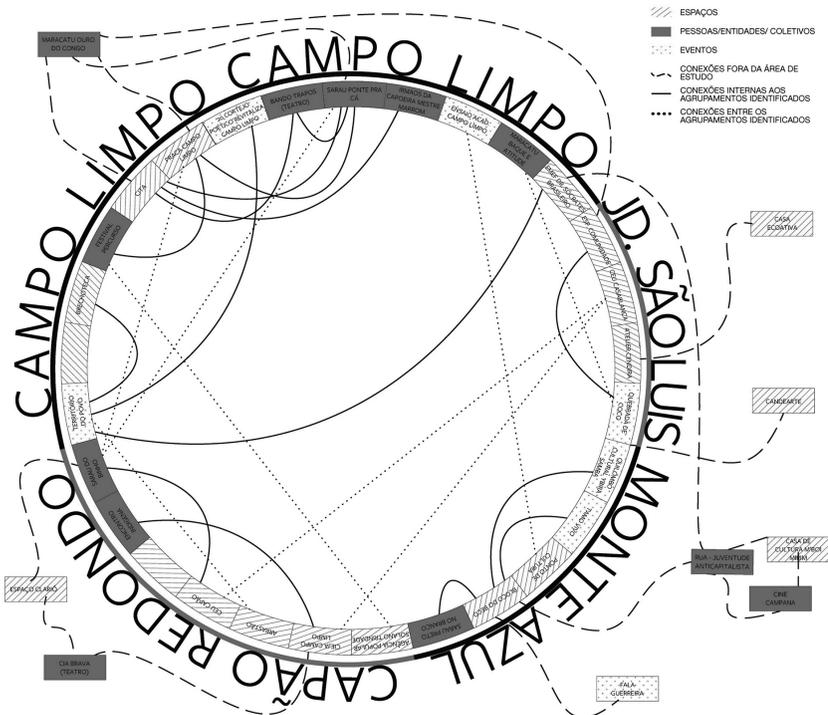


FIG. 5:

Material expositivo: painel REDES.

Imagem elaborada pela equipe da Pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais, 2017.



MEIO FÍSICO

FONTE: PMSF; FCHT/SMUL, 2004.
SMA/GOE/INFO, 2004.

■ SESC CAMPO LIMPO — CURVA DE NÍVEL (EM)

■ HIDROGRAFIA

N 0 1500 3000

FIG. 6:

Material expositivo: mapa de meio físico.

Imagem elaborada pela equipe da Pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais, 2017.

curiosidade. No entanto, essa mesma busca por entender o material exposto revela a dificuldade de interpretação do material gráfico produzido. No momento em que o material é questionado sobre sua possível origem acadêmica, é revelada uma barreira percebida pelo visitante em atingir a informação que o material buscava passar, uma vez que um material com “cara acadêmica” carrega uma imagem de algo complexo e de difícil compreensão.

Esses relatos exemplificam casos em que a conversa gerada na interação correu por caminhos muito distintos, mas que em ambas as situações se apresentam válidas. Outros personagens muito distintos dos apresentados também interagiram nos momentos de monitoria: muitas crianças, mães e pais, adolescentes, idosos, frequentadores assíduos do Sesc, entre outros.

O engajamento presencial dos pesquisadores com os visitantes através do diálogo teve sua relevância esclarecida. No entanto, uma outra questão evidenciada no último relato apresentado deve ser aqui observada um pouco mais de perto: a insuficiência do material gráfico produzido em transmitir a informação pretendida. Embora, como já esclarecido, independentemente do nível de compreensão do visitante sobre o conteúdo apresentado nos painéis, o diálogo com os pesquisadores continua sendo de extrema relevância, e as situações em que o

visitante foi capaz de receber a informação pretendida foram pontuais e específicas.

Para discutir essa questão serão utilizados alguns conceitos sobre a teoria da informação, abordados por J. Teixeira Coelho Netto em seu livro “Semiótica, informação e comunicação” (2003). Em seu trabalho o autor conceitua informação como agente capaz de gerar questionamentos, tendo por objetivo provocar uma alteração no comportamento das pessoas que a recebem. A informação, por sua vez, é transmitida por uma mensagem, descrita como um grupo ordenado de elementos de percepção extraídos de um repertório e reunidos numa determinada estrutura. Dessa descrição, o conceito de repertório será de extrema relevância para que se entenda a dificuldade encontrada pela equipe de pesquisa para elaborar um material expositivo capaz de dialogar por si próprio com o público esperado.

Repertório é descrito por Coelho Netto como uma espécie de vocabulário, um conjunto de signos¹⁷ que é conhecido e utilizado por uma pessoa. Existe então o repertório ideal de uma pessoa, formado por todos os signos existentes no mundo sobre determinado assunto; e existe o repertório real de uma pessoa, que é composto pelos signos que ela de fato conhece e utiliza. Portanto, para que uma mensagem se torne significativa, é necessário que ela pertença, pelo

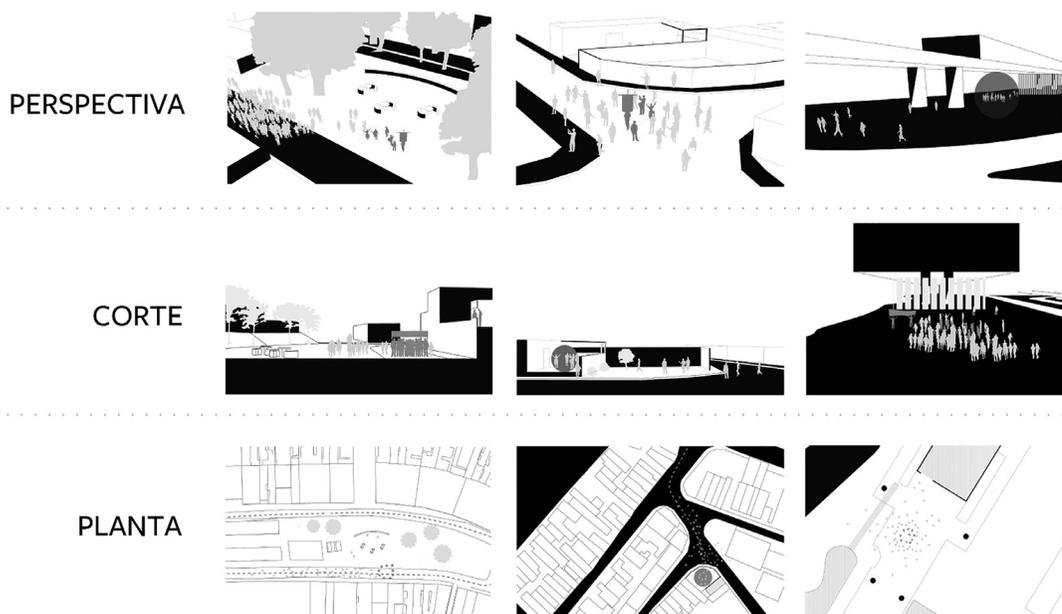


FIG. 7:

Material expositivo: recorte do painel GRID.

Imagem elaborada pela equipe da Pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais, 2017.

menos em partes, ao repertório do receptor. O diagrama da fig. 4, apresentado por J. Teixeira Coelho Netto (2003, p.124) mostra quais as condições mínimas para que uma mensagem seja significativa para seu receptor.

No diagrama, R significa repertório e lê-se da seguinte maneira: uma fonte faz uso de um determinado repertório para elaborar a mensagem que será lida pelo receptor, que por sua vez, tem um outro determinado repertório. Para que a mensagem seja significativa é necessário que R_f e R_r se interseccionem, ou seja, que partilhem ao menos algum grupo de signos. Caso contrário, se os repertórios forem completamente isolados um do outro, a mensagem não será transmitida, e por outro lado, se forem completamente equivalentes, a mensagem de nada altera o comportamento do receptor.

Trazendo esse conceito para a produção expográfica projetada e encaixando no diagrama: fonte = pesquisa e receptor = visitante da exposição; pôde-se notar, como é visível nos relatos apresentados, que a grande questão ocorrida é que os repertórios dos produtos expostos e dos indivíduos visitantes da exposição dificilmente se interseccionavam. No entanto, é preciso fazer uma leitura específica para esta situação, pois uma

vez que os visitantes, em sua grande maioria, são moradores do Campo Limpo, a produção cultural da região é algo familiar e presente (dada a proporção de participação individual de cada um) em seu cotidiano. Logo parece incoerente dizer que os repertórios da pesquisa e dos visitantes não se interseccionam. Talvez não quanto ao conteúdo, mas em relação à linguagem gráfica e alguns termos conceituais.

Os painéis produzidos para a exposição foram elaborados pela equipe de pesquisadores integrados, em sua maioria, por arquitetos. A linguagem adotada (mapas e diagramas por exemplo) é familiar a arquitetos, mas não necessariamente ao público leigo. Ou seja, essa linguagem é própria do repertório dos arquitetos, mas não está presente no repertório dos visitantes¹⁸ da exposição, por exemplo. Portanto, embora nela esteja contida informações com as quais os visitantes tenham certa familiaridade, a dificuldade na identificação desse conteúdo dentro do material dificultou que a mensagem chegasse até eles.

As figs. 5 e 6 fazem parte do material expositivo elaborado. A primeira é um dos painéis e apresentava o conteúdo da etapa Redes; a segunda é um dos mapas expostos na mesa. São materiais que chamam a atenção do público,

despertam curiosidade, mas dificilmente conseguiam transmitir a informação desejada sem que fosse necessária a explicação de um dos pesquisadores.

O diagrama presente na fig. 5 é uma síntese das relações estabelecidas entre os produtores culturais da região. Embora buscasse reunir uma quantidade de informação e transmiti-la através de uma única peça gráfica, com o objetivo de facilitar a leitura comparativa, pessoas não familiarizadas com essa linguagem apenas viam uma bela imagem sem compreender as relações que ela transmitia.

O mapa do meio físico da região, feito a partir de curvas de nível, por outro lado, apresenta uma informação que só é compreendida por quem já teve algum tipo de contato com cartografias. É um material de estudo que embora fale de uma condição física da cidade que é percebida por qualquer habitante da região, sua representação gráfica não é capaz de mostrar isso para quem está lendo.

A fig. 7 é um recorte da prancha *Grid*, onde foi apresentada uma grande tabela com diversas informações sobre algumas territorialidades culturais estudadas. Esse recorte mostra parte dessa tabela em que aparecem peças gráficas (plantas, cortes e perspectivas) desenvolvidas pelo grupo de pesquisa para contextualizar o espaço em que aconteciam os eventos culturais. Essa parte específica do material teve uma relação distinta com o público, que em diversas vezes conseguiram identificar lugares e eventos através dessas imagens. Ou seja, esse foi um material que conseguiu compatibilizar o repertório da pesquisa com o repertório do público.

Para concluir, retoma-se uma vez mais o filósofo alemão Gadamer, que diz: "[...] compreender um texto é semelhante a se compreender uma conversa ao vivo. A linguagem comum, que é mais do que 'um instrumento para a compreensão', deve 'coincidir com o próprio ato de entender e chegar a um acordo' (GADAMER apud CRAPANZANO, 1991, p.65).

Durante o processo, percebemos que o material expositivo desenvolvido não foi capaz de estabelecer uma linguagem comum com o universo de quem visitava a exposição. Ainda assim o objetivo dessa etapa do trabalho continuou válido devido às estratégias tomadas para

estabelecer um verdadeiro diálogo com os frequentadores do Sesc e da exposição.

Estabelecer uma verdadeira conversa com o público a que se destina uma exposição, seja como a desse caso, parte da pesquisa ou não, eleva o nível de troca e produção de conhecimento. No entanto, a capacidade do material gráfico de se expressar sozinho é também essencial. O desafio que fica, portanto, para a elaboração de um material expositivo a partir de uma pesquisa acadêmica, é o de desenvolver um método de sintetização do conteúdo produzido que seja capaz de traduzir a linguagem da pesquisa em uma outra linguagem que dialogue com um público mais amplo. Como traduzir e apresentar conhecimento produzido no campo da arquitetura, urbanismo e antropologia em uma linguagem que atinja a maior parcela da população possível?

NOTAS

1. Tendo como perspectiva Deleuze e Guattari (1987), o "devenir-cidade" está relacionado à potência do que está em vias de tornar-se, e através do qual se torna, "o processo do desejo". O devir passa por mudança de código, descodificação e recodificação (SALES, 2007).
2. "Uma instituição brasileira privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, com atuação em todo âmbito nacional, voltada prioritariamente para o bem-estar social dos seus empregados e familiares, porém aberto à comunidade em geral. Atua nas áreas da Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência. E que, notadamente em São Paulo, assumiu grande protagonismo na área de programação/ realização de eventos musicais e teatrais".
3. "Compossível. 1. que pode coexistir ou conciliar-se, ao mesmo tempo, com outro; compatível. 1.1. fil. que, segundo Leibniz (1646 -1716), é passível de coexistir de maneira integrada no mundo real como um conjunto de possibilidades concretas e realizadas, em contraste à justaposição de possibilidades imagináveis, porém incompatíveis na realidade objetiva". Fonte: HOUAISS. Disponível em: <houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#4>.
4. A definição de Assunto parte do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <priberam.pt/dlpo/assunto>. Acesso em: 14 mar. 2018.
5. A definição de Conteúdo parte do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <priberam.pt/dlpo/conte%C3%BADO>. Acesso em: 14 mar. 2018.
6. Projeto Pesquisa Cliente Arquiteto. Disponível em: <ev.escoladacidade.org/portfolio/modos-de-pensar-modos-de-fazer-g-01/>.
7. Disponível em: <www.ct-escoladacidade.org/sesc-campo-limpo-3/pesquisa/plano-de-trabalho/>.
8. Vide capítulo "Fertilização Cruzada" em P7 – Relatório Conclusivo. Disponível em: <www.ct-escoladacidade.org/wp-content/uploads/2018/01/2017-12-04-P7_RELATORIO-FINAL-rev1-qualidade-reduzida.pdf>.
9. Relembre que, para Peirce, objetos "determinam" seus signos. Isto é, a natureza de um objeto limita a natureza

do signo em termos do que uma significação com sucesso requer. [...] Se as limitações de uma significação requerem que o signo utilize alguma conexão existencial ou física entre si e o objeto, então este signo é um índice." (ATKIN, 2010).

10. "Patrick Wilson investiga – especialmente via experimentos de pensamento – a compatibilidade de métodos diferentes de determinar o assunto de um documento. Dentre estes estão: 1. Identificar o propósito do autor escrever o documento, 2. pesar a dominância e subordinação entre elementos diferentes na imagem entregue pela leitura do documento, 3. agrupar ou contar o uso de conceitos e referências do documento e 4. inventar um grupo de regras de seleção para o quê são os elementos 'essenciais' (em contraste com o inessencial) do documento em sua completude. Patrick Wilson demonstra convincentemente por meio de cada um dos métodos que por si só, são insuficientes para determinar o assunto de um documento, e conclui: 'a noção de um assunto de escrita é indeterminada [...] pois nada definido pode ser esperado das coisas encontradas em qualquer posição. [...] incluindo uma nota de rodapé interessante direcionando a atenção ao uso impreciso de conceitos por autores de documentos [...] 'se pessoas escrevem sobre o que determinam serem fenômenos mal-definidos, uma definição correta de seus assuntos reflete, portanto, sua má-definição.'" (BIRGER, 1992, p.176, tradução nossa).

11. Elaborado em "P1 – Plano de Trabalho". Disponível em: <www.ct-escoladacidade.org/sesc-campo-limpo-3/pesquisa/plano-de-trabalho/>.

12. O conceito de diálogo será posteriormente apresentado segundo a teoria do antropólogo Vincent Crapanzano (1991).

13. Crapanzano aponta a análise sobre o diálogo feita pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer como uma das mais complexas. Gadamer (1900-2002) foi considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica e tem como trabalho de maior impacto a obra *Truthandmethod*, de 1975.

14. Para alguns teóricos, assim como Gadamer, o termo diálogo e conversa não se diferenciam.

15. Relatos feitos pelos pesquisadores a partir de suas experiências vividas nas monitorias. Neles são descritos detalhes sobre as interações ao longo dos dias de monitorias. Esse material foi utilizado na elaboração do último relatório (relatório conclusivo).

16. Coletivo composto por mulheres que através de oficinas, vivências, debates e trocas com a comunidades trabalham temas como permacultura, moda sustentável, vegetarianismo e saúde integral.

17. Signo é tudo aquilo que representa outra coisa, ou melhor, na descrição de Charles S. Peirce (1977), é algo que está no lugar de outra coisa. [...] "Na teoria de Saussure (1965), o signo pode ser analisado em duas partes que o compõe: [...] significante e significado. Entende-se por significante a parte material do signo (o som que o conforma, ou os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra, ou os traços do desenho que representam, por exemplo, um cão) e por significado o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida. [...] Não há signo sem significante e significado." (NETTO, 2003, p.20).

18. Refiro-me aos visitantes da exposição considerando sua maioria. É importante reiterar que houve exceções.

REFERÊNCIAS

ACKOFF, Russell L. From data to wisdom.

Journal of applied systems analysis, Lancaster, v.16, n.1, 1989. p.3-9.

ATKIN, Albert. Peirce's Theory of Signs.

In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2013 Edition, 2010. Disponível em: <plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/peirce-semiotics/>. Acesso em: 03 mar. 2018.

BIRGER, Hjørland. The concept of "subject" in Information Science. *Journal of Documentation*, v.48, n.2, 1992, p.172-200. Disponível em: <www.academia.edu/1304545/The_concept_of_subject_in_information_science>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CRAPANZANO, Vincent. Diálogo. In: *Anuário Antropológico/88*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991, p.59-79.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma Conversa para o quê serve? In: *Diálogos*. São Paulo, Escuta, 1998, p.2-19. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro.

ELIOT, T.S. *The Rock*. San Diego, CA: Harcourt/ Brace and Company, 1934.

GPEC. *Plano de Trabalho*. São Paulo: Escola da Cidade, 2016.

GPEC. *Grid: objetivos e ideias pertinentes*. In: *Relatório 5: Grid*. São Paulo: Escola da Cidade, 2017. p.9-10.

_____. *Relatório Conclusivo*. São Paulo: Escola da Cidade, 2017.

GOLUB, Koraljka. Organizing Information by Subject. In: *Subject Access to Information: An Interdisciplinary Approach*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2014. p.1-30.

HEY, Jonathan. The data, information, knowledge, wisdom chain: the metaphorical link. *Intergovernmental Oceanographic Commission*, v.26, 2004, p.1-18. Disponível em: <www.dataschemata.com/uploads/7/4/8/7/7487334/dikwchain.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

LOPES, Diogo. Analogia e Arquitetura. In: BANDEIRA, Pedro; MOURA, Eduardo Souto de; SEIXAS LOPES, Diogo; URSPRUNG, Philip. *Eduardo Souto de Moura: Atlas de Parede, Imagens de Método*. Porto: Dafne, 2011.

NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ORAMAS, Luiz Pérez. A iminência das poéticas(ensaio polifônico a três e mais vozes). In: *30ª Bienal – A Iminência das Poéticas*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2012.

PIERSE, Charlie S. **Semiótica**. São Paulo:
Editora Perspectiva, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de
linguística general**. Buenos Aires:
Losada, 1965.

SOBRE AUTORES

A equipe de pesquisa foi composta por alunos de diferentes estágios do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade. Do 4º ano: Marina Schiesari. Do 5º ano: Beatriz Dias, Felipe Brunelli, Lucas Rodrigues e Sabrina Sobreiro. Do 6º ano: Marília Serra, Marina Bagnati, Pedro Norberto e Stella Tamberlini. E Rebeca de Paula, arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade em 2017.
tc.ecidade@gmail.com